

Uma proposta metodológica para um novo pensamento: patrimônios afetivos

A methodological proposal for a new thinking: affective heritage

Milena Behling Oliveira*; Diego Lemos Ribeiro**

Resumo: Este artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado que se encontra em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e enquadrada na pesquisa social, que busca compreender a construção de patrimônios por sua dimensão humana e social, tendo como pano de fundo a mediação da afetividade. O objetivo principal dessa dissertação é a identificação dos Patrimônios Afetivos da cidade de Morro Redondo/RS a partir da lente dos idosos que nesta cidade habitam. Portanto, este artigo tem o intuito de demonstrar como vem se desenvolvendo a metodologia para essa identificação, além de abordar as delimitações e distinções necessárias para que os lugares apresentados sejam considerados Patrimônios Afetivos.

Palavras-chave: Memória. Patrimônio. Idoso. Lugares de Memória. Afeto.

Abstract: This article is a section of an ongoing Master's research in the Post-Graduate Program of Social Memory and Cultural Patrimony of the Federal University of Pelotas, Brazil. This is a qualitative research within social research. It is a research of a qualitative nature and framed in social research, which seeks to understand the construction of heritage by its human and social dimension, having as background the mediation of affectivity. The main objective of the work is to identify the affective heritage of the municipality of Morro Redondo, Brazil, in the eyes of its elderly citizens. Therefore, this article aims at demonstrating how the methodology for this identification is being developed, as well as approaching the needed limitations and distinctions for the places presented to be considered affective heritage.

Keywords: Memory. Heritage. Old man. Places of Memory. Affection.

1. Introdução

O estudo em questão se desenvolve no município de Morro Redondo/RS, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Nesse local, há um museu municipal chamado “Museu Histórico de Morro Redondo”, criado no ano de 2009 pelos moradores locais com o intuito de preservar e relembrar as memórias da cidade. Nele, é desenvolvido um projeto de extensão¹ por meio da Universidade Federal de Pelotas, localizada em Pelotas, cidade vizinha. O projeto promove diversas ações

* Turismóloga, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: milena.brs@gmail.com

** Museólogo, Doutor em Arqueologia pela USP. Atualmente é Professor Adjunto do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. E-mail: dlrmuseologo@yahoo.com.br

¹ Museu Morro-Redondense: Espaço de Memórias e Identidades. Trata-se de um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas. Esse projeto conta com a colaboração de estudantes voluntários e, inclusive, com a autora deste artigo.

visando, em síntese, a interação do Museu com a comunidade local. Todas as exposições e ações educativas realizadas no Museu têm a participação ativa da população, principalmente de idosos, protagonistas de diversas ações. Esse diálogo com os moradores é de fundamental importância, pois acredita-se em um museu em constante construção e que interaja com as distintas parcelas da comunidade. Conforme imagina Soares (2012), parte-se da premissa de que é mais útil pensar essas instituições como palco para negociação das memórias sociais, a partir de determinadas performances em museus. Os atores-sociais por detrás dessas performances não seriam coadjuvantes dos processos patrimoniais, nem mesmo receptores passivos de um patrimônio pronto para consumir; seriam, eles próprios, suas emoções e afetividades as quais impregnam as narrativas, os próprios patrimônios.

Alicerçado nessa ideia, o Museu serve de cenário para o trabalho da memória. Uma das ações, intitulada *Café com Memórias*, redonda em encontros realizados uma vez ao mês, com um grupo de idosos do município, e na qual são dispostos objetos que compõem o acervo do Museu e que são utilizados como gatilhos para a evocação de memórias desses atores-sociais. Em certa medida, essa ação funciona como um rito em que as memórias são imaginadas e projetadas não apenas individualmente, mas sobretudo em confluência com as memórias de um grupo, manifestadas por meio de relatos orais, músicas, brincadeiras. Por meio dessa atividade, além das narrativas sobre os objetos museológicos, observou-se que os idosos faziam relatos a respeito de lugares da cidade com notável afeto. Assume-se, então, duas ideias que convergem: a primeira consiste em compreender que os objetos albergados no Museu estão costurados em redes memoriais e, portanto, estão em inexorável conexão com outros objetos e tempos. Logo, ao narrar sobre uma gamela, por exemplo, compreende-se esta como constituída de uma rede semântica que a compõe, qual seja: o lugar de onde a água era captada no passado e como as lavadeiras a usavam na beira do arroio – uma operação que, por sua vez, é rica em gestualidades e emotividades. A segunda compreende a noção de que os objetos e lugares estão em transformação, são camaleônicos e mimetizam-se no presente a partir das referências de um passado imaginado. Em outros termos, quando os idosos narram sobre determinados lugares – uma casa, uma banda de música, uma Igreja – não o fazem a partir das características fidedignas de como são hoje, mas como eles enxergavam essas referências no passado. Não raro, as narrativas ilustram paisagens subjetivas que não encontram paralelo no espaço atual.

De modo a convergir memórias, tempos, lugares e pessoas, foi proposta para o grupo uma ação denominada Caminhada da Percepção na qual os idosos, acompanhados por um grupo de estudantes de uma escola do município, caminham pela cidade visitando os locais mencionados na atividade anterior. As narrativas são indutoras da caminhada e lançam luz sobre as referências que compõem a paisagem urbana, algumas aparentemente banais à primeira vista. Conforme sinaliza Nora (1993), mesmo um lugar puramente material – neste caso, uma casa, uma praça, uma árvore – só se configura um lugar de memória se investido de aura simbólica. É justamente o ritual de ativação dessa aura que dá os contornos dos Patrimônios Afetivos, e cujos afetos conferem sua textura e tonalidade. Ao contrário dos patrimônios oficiais, que via de regra são forjados a partir de dispositivos meramente cartoriais e burocráticos, os Patrimônios Afetivos alinham-se necessariamente à história das emoções. Dito de outra forma, se os Patrimônios Afetivos não existem livres das necessárias aderências emotivas da população, o mesmo não é possível afirmar sobre os patrimônios convencionais. Essa sentença torna-se verdadeira ao verificar a multiplicação de patrimônios que padecem cotidianamente sem qualquer interferência ou empatia do público.

A pesquisa em questão desenvolve-se tendo como linha-mestra as atividades supramencionadas, porém, não livre de inquietações. Quais seriam, então, os Patrimônios Afetivos de Morro Redondo? Acreditamos que esses lugares de memória, identificados pelos idosos da cidade, têm distinto potencial para serem considerados Patrimônios Afetivos do município. Esquiva-se, no escopo desta pesquisa, das questões jurídicas e cartoriais, que orientam os processos formais de patrimonialização, e emerge-se nos recônditos das memórias afetivas que, a rigor, são os elementos que dão sentido aos lugares. Por esse prisma, humaniza-se o patrimônio. Contudo, convém indagar: todos esses lugares de memória são patrimônios afetivos? Para responder a essa pergunta, pretendemos apresentar como essa identificação vem sendo desenvolvida.

2. Patrimônios afetivos: desenvolvendo uma metodologia para sua identificação

A cidade de Morro Redondo está localizada na Serra dos Tapes/RS, possui cerca de 6.548 habitantes, sendo 20,8% da população formada por idosos de 60 anos ou mais (IBGE, 2016). Este estudo tem como sujeitos da pesquisa os idosos, uma vez que são testemunhas e atores das mudanças que se desdobraram no decorrer dos anos na cidade de Morro Redondo. Os idosos não são meros espectadores das

mudanças dos lugares, tendo em vista que agem sobre esses lugares, assim como os lugares agem sobre os idosos e suas memórias, estabelecendo uma relação de reciprocidade. É por compreendermos o papel dos idosos, como atores sociais fundamentais na construção dos lugares, e a importância das suas memórias na compreensão das transformações da cidade que identificamos os patrimônios afetivos a partir de suas memórias.

Tomamos como base, para determinar a idade dos entrevistados, o Estatuto do Idoso que inclui, nessa categoria, os cidadãos acima dos 60 anos, amparados pela Lei 8.842/94, pelo Decreto 1.948/96 e pela Lei 10.741/03, conhecida como Estatuto do Idoso. O Art. 10 da Lei 8.842/94, de 4 de janeiro de 1994, que trata da Política Nacional do Idoso, evidencia que essa lei tem como objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (BRASIL, 1994). Todavia, essa diretriz desconsiderou sujeitos que possuem menos de 60 anos, uma vez que a categoria de auto-reconhecimento foi levada em ponderação, ou seja: quando o indivíduo se auto-declara ou se auto-reconhece como idoso. Portanto, entre os idosos entrevistados pode haver, pontualmente, sujeitos com menos de 60 anos.

No Art. 21 da Lei. 10.741, de 1º de outubro de 2003, que fala sobre educação, cultura, esporte e lazer, está escrito que “os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais” (BRASIL, 2003, p.4). Por meio desta pesquisa, acredita-se que colaboramos para a integração efetiva dos idosos de Morro Redondo na sociedade, na medida em que, não somente mediamos o trabalho com a memória, por intermédio da escuta das narrativas, como também intentamos colocar essas memórias em confluência com as de outros sujeitos. Importa mencionar que as narrativas coletadas são dinamizadas pelo Museu em suas ações, que passa a assumir um papel sócio-transmissor nesse cenário (CANDAU, 2012). A transmissão memorial torna-se ainda mais potente em atividades como a Caminhada da Percepção, por sua distinta natureza intergeracional.

Foram adotados instrumentos metodológicos alinhados à pesquisa social, como realização de entrevistas, coleta de relatos, depoimentos e narrativas, dando ênfase à última. A pesquisa qualitativa é um conjunto que engloba diferentes técnicas de interpretação, em que se busca descrever os componentes em estudo, e tem como objetivo compreender e expressar os sentidos dos fenômenos sociais, tratando de diminuir a distância entre teoria e dados (MAANEN, 1979). Também estão sendo

utilizados, como ferramentas auxiliares, diários de campo, produção de registros fotográficos e encontros com o grupo de idosos, designadamente no Café com Memórias. Optou-se pelo uso de narrativas e relatos de memórias por serem bons instrumentos que harmonizam a relação entre sujeito e entrevistador e, desse modo, possibilitam melhor interpretação e contribuição para a pesquisa. No momento de ouvir os relatos dos idosos, podemos descobrir quem são, quem foram e, ainda, suas colaborações para a cultura local.

Segundo Benjamin (1994, p.105), a narração é o que é capaz de transmitir, “matéria de tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva”. Em sua obra chamada 'O Narrador', conclui, contudo, que as experiências da arte das narrativas estão em baixa. “[...]. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.197-198). Entretanto, ao ouvir as narrativas dos sujeitos idosos no escopo desta pesquisa, foi possível observar certa facilidade para falar. E esse intercâmbio de experiências traziam em si uma carga significativa de afetos, traduzidos em gestos, pausas dramáticas e olhos marejados. Narrar, para esses sujeitos, aparentemente, tem um sentido profundamente terapêutico, na medida em que o trabalho da memória os situa no mundo com outros sujeitos, sejam eles vivos ou já falecidos.

Para Certeau (1994), a narrativa diverge de uma simples técnica de descrição. Narrar uma história é criar um espaço para a ficção, é a arte de dizer e de fazer a história. Essa ficção é mediada por um rito mnemônico, designado aqui como o trabalho de memória, que se manifesta por meio da fala: “o discurso produz efeitos ao querer dizer outra coisa do que aquilo que se diz; exerce sua estratégia por um desvio pelo passado, recorrendo à memória como uma de suas táticas geradoras de sentido” (MAIRESSE; FONSECA, 2002, p.114). O saber narrativo busca, no passado, as histórias guardadas na memória; é pela memória que o passado se faz presente. As atividades desenvolvidas no Museu, compreendidas como performances museais, são espaços privilegiados para a construção de um patrimônio imaginado, encantado. O que queremos dizer é que, ao ativar esses patrimônios afetivos, os lugares tornam-se mais aprazíveis, propiciando um relacionamento mais saudável com a cidade. Por essa via, é possível crer que “a memória se constrói no encontro com os acontecimentos, em seu instante ainda virtual, quase pronto para realizar-se. Assim, a memória consiste num meio de transformar os lugares” (MAIRESSE; FONSECA, 2002, p.114).

Uma forma de reafirmar a vivência de um fato é por meio da narração. Sendo assim, quando os idosos recordam os acontecimentos que estão em potência na memória, reafirmam a existência dos fatos. Pode-se dizer que, no decorrer da pesquisa, os idosos puderam reconhecer a si próprios, tendo como mediadores os objetos e os lugares que compõem a paisagem urbana. Em última análise, quando interpretam o passado pela lente do presente, transformam-se não apenas os lugares, mas a si próprios. É nessa fricção entre o passado e o presente, e das projeções que apontam para o futuro, que esses patrimônios afetivos contribuem para a construção das identidades sociais. O intercruzamento dessas memórias, em uma dimensão coletiva e performática, é vital para esses sujeitos. O patrimônio, por essa via, mais do que representar o espírito do Estado, seria sobretudo um estado de espírito, um recurso para se viver melhor. E vive-se melhor quando reconhecemos nossas identidades, em primeira pessoa, conforme assinala Connerton (1993, p.27): “... a nossa história passada é uma fonte importante da ideia que fazemos de nós próprios”. Dessa forma, as narrativas se transformam em registros da memória que, ao serem compartilhadas, transcritas e interpretadas se transformam em fonte de bem-estar social.

A história de um lugar, quando narrada pelos moradores locais, traz memórias esquecidas pelo tempo e desperta as lembranças tornando vivo um passado em estado de latência. Assim, a cidade se reencontra com sua história. Em Morro Redondo, são as afetividades presentes nas narrativas que trazem, para o presente, as ausências. Thompson (1998, p.21) afirma que “por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história”. O indivíduo conhecer sua história, suas raízes, é um autorreconhecer-se, em que o passado é transmitido por meio dos sentimentos de pertencimento, afetividade e identidade local. O autor salienta, ainda, que:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...]. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade [...] ela pode dar um sentido de pertencer a determinado lugar e a determinada época (THOMPSON, 1998, p. 44).

Tendo em vista que grande parte da cidade se encontra no meio rural e de difícil acesso, foi feito um recorte para a aplicação e viabilização desta pesquisa. Foram identificados os Patrimônios Afetivos, os pontos significativos para a comunidade local, da Avenida Jacarandá, principal rua da cidade (Figura 1). Desde a

criação do município, essa rua possui destaque entre os morroredondenses, tendo em vista que, a partir dela, relembra-se de acontecimentos, objetos, ritos, festas que marcaram a história do município e que servem como base para a cultura local. Em virtude de as memórias não respeitarem fronteiras, durante o processo de pesquisa surgem outros patrimônios que ultrapassam os limites da rua. Para fins deste artigo, mantemos o foco no recorte anteriormente mencionado.

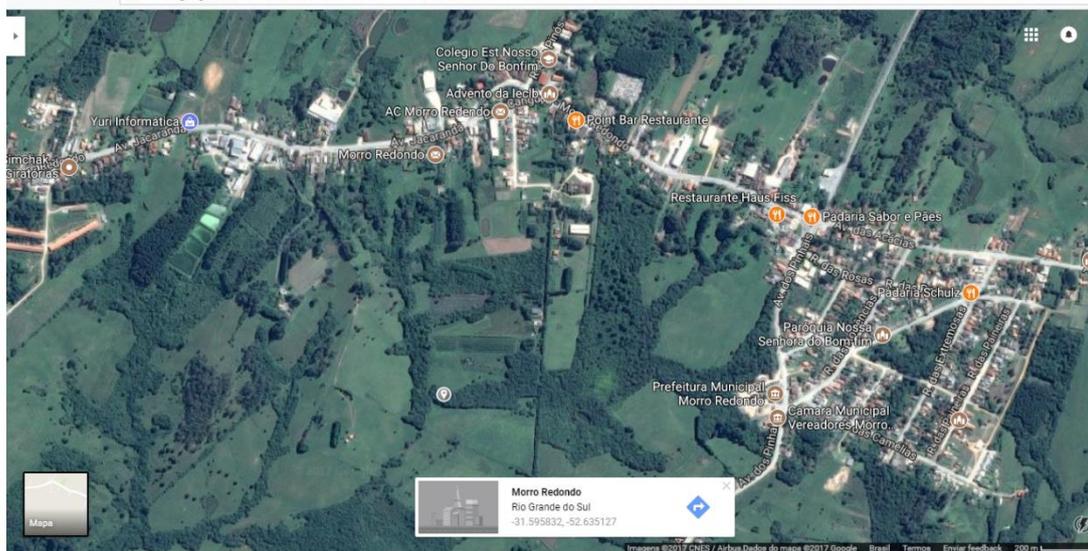


Figura 1 - Vista aérea da rua Jacarandá e entorno, Morro Redondo/RS.
Fonte: Google Earth, 2018

Como ponto de partida, foram realizadas visitas às casas dos integrantes mais assíduos do grupo Café com Memória para ouvir suas memórias e percepções. Afinal, conforme nos recorda Yi-Fu Tuan (1971, p.181), são os sujeitos que “atribuem significado e organizam o espaço de acordo com os símbolos que constroem a partir da sua percepção”. Portanto, a percepção estará em destaque neste estudo, pois é a partir da visão dos moradores que identificaremos, no espaço, os lugares onde esses patrimônios afetivos estão fixados. A percepção sucede do sentir o exterior e dotá-lo de significado, pois, caso não possua significado para o sujeito, não haverá registro na memória e, conseqüentemente, tender-se-á à bruma do esquecimento. Em grande medida, percebemos o que tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (TUAN, 1980).

Ao cabo de cada conversa, foi solicitado aos participantes que indicassem outro idoso para reviver memórias da cidade. Se ao longo das entrevistas algum ator social fosse citado repetidamente, demonstrando relevância para aquele lugar, este também seria convidado a participar da pesquisa. À medida que as narrativas são tecidas e inter cruzadas umas com as outras, desenha-se uma cidade projetada pelos liames de memórias dos sujeitos idosos. Logo, inspirados por Guimarães Neto (2010), podemos dizer que o ato de contar é criador. Pelas memórias narradas, é possível desenhar um novo espaço habitado, uma determinada imagem de ruas, casas, praças

que são encenadas por esses fios de memórias. Esses quadros narrativos geram, a rigor, uma cidade imaginada, que é o elemento basilar para a composição dos patrimônios afetivos. Esses patrimônios, portanto, não são os lugares e objetos em si, aquilo que se vê a “olho nu”, mas o que se projeta sobre essas materialidades. Ou seja, o que se preserva não é a casa, a praça e a Igreja, mas a imagem, as reminiscências mnemônicas, o espectro. A cidade não é somente o que se vê, mas, sobretudo, o que se percebe e sente sobre ela.

Por meio de um roteiro de perguntas semiestruturadas, foram feitos questionamentos que despertassem a memória dos idosos. Entende-se como entrevista semiestruturada aquela que “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2009, p.64). A formulação dessas perguntas teve como inspiração referências como o Manual de Aplicação de Patrimônio Cultural, elaborado pelo Programa Mais Educação, e o Manual de Inventário Participativo, ambos criados pelo IPHAN.

As narrativas que se desdobram estão repletas de afeto e imaginação. As memórias narradas são capazes de formatar, criar e recriar imagens e acontecimentos sobre uma determinada situação. Por meio das palavras, os idosos nos transmitem seus conhecimentos de vida e as histórias que já passaram e foram vivenciadas por eles. As palavras são um dialeto pelo qual os indivíduos podem se expressar e expor seus sentimentos, emoções, crenças (PESAVENTO, 2008). São exatamente esses elementos que consubstanciam o patrimônio afetivo.

Por conseguinte, ao analisar os dados obtidos, como se delineiam os Patrimônios Afetivos? Será que todos os lugares identificados podem ser considerados patrimônios? Ou são apenas memórias individuais que não representam uma coletividade? Discutiremos, doravante, essas questões ora mencionadas.

3. Lugares de memória: diferenciando e definindo um patrimônio afetivo

O ato de relembrar é decisivo para reter e transmitir experiências do indivíduo e, além disso, é elemento estruturante para a consolidação das memórias. Levar adiante traços culturais, ideias, reflexões vividas/experenciadas para as gerações seguintes é igualmente importante e se faz necessária para a sociedade, sobretudo em cidades em que há um vácuo geracional entre jovens e idosos, como o caso de Morro Redondo. Candau (2012) destaca que os grupos compartilham certas lembranças, podendo ser chamadas de marcos sociais, por meio das memórias fortes e fracas. O autor ainda salienta que não podemos falar de uma memória comum a todos, mas sim de memórias fortes, que são marcos sociais comuns entre os grupos. Um bom exemplo é quando os sujeitos realizam uma troca de experiências por meio do compartilhamento de memórias vividas e, assim, começam a se encontrar em uma

mesma história. É nesse ponto de encontro entre as narrativas que vislumbramos os marcos sociais em que o Museu desempenha papel fundamental nessas experiências intercambiadas socialmente.

Michel Pollak (1992) faz coro à ideia de que a memória é concebida socialmente. Ela é formada a partir da família e pelos grupos sociais que os indivíduos fazem parte ao longo da vida. Portanto, o que recordamos individualmente é fruto de uma memória social. Halbwachs (2003) é precursor do entendimento de que a memória individual pode ser compreendida como uma visão a partir de uma memória coletiva. Nesse sentido, “as lembranças que guardamos são partilhadas com outras pessoas, revelando aspectos intrínsecos dos grupos sociais nos quais nos envolvemos” (JUCÁ, 2003, p.85). Candau (2012) traduz essa ideia ao afirmar que a interseção entre os grupos sociais e esses marcos de memórias agem como sociotransmissores. Os Museus, por sua vez, como dispositivos memoriais, potencializam essa cadeia sociotransmissora, na qual as memórias são conectadas em novas redes, de forma rizomática, em sentido análogo às redes neurais.

Essas lembranças, em princípio, individuais, narradas pelos idosos, se fixam em lugares de memória. Esses lugares ocupam espaços da cidade e ajudam a contar a história do município. Por meio das narrativas, é possível identificar costumes, rituais e práticas vividas pelos morroredondenses. Desse modo, a cada depoimento dos sujeitos, é possível preencher lacunas da história, criando redes de conexões nas quais as memórias se inter cruzam. Ao formar essa rede, memórias inicialmente individuais se tornam compartilhadas por uma coletividade afetiva. Os lugares, como quadros sociais, aderem e difundem essas memórias no mesmo compasso em que conferem estabilidade frente às alterações do tempo (HALBWACHS, 1990).

Analisando as entrevistas realizadas, percebemos que, em alguns lugares de memória, há um agrupamento de memórias que são adensadas pelos inter cruzamentos das narrativas. Ou seja, vários idosos relataram sobre o mesmo local, porém os aspectos narrados podem variar de acordo com as experiências pessoais de cada sujeito. Dessa forma, esses dados obtidos nos levam a pensar a respeito daquilo que Tornatore (2009) denomina de ancoragem patrimonial. Em artigo publicado na revista *Memória em Rede*, Jean-Louis Tornatore (2009) relata casos contemporâneos que nos fazem refletir sobre as diversas formas de lembrar de um mesmo lugar, objeto ou acontecimento. Em síntese, o autor coloca com lucidez que um mesmo referencial de patrimônio pode ser percebido de diferentes formas e, dessa maneira, ancorar perspectivas diversas – nem sempre em convergência.

No escopo da pesquisa, podemos citar o caso da Igreja Luterana Comunidade Advento, que é relatado por vários idosos da cidade. Há uma recorrência sobre esse local nas narrativas. Nele, eram realizadas festas para os membros da congregação, além de casamentos, batizados e confirmações de fé. A igreja foi inaugurada em 3 de dezembro de 1905 e, mesmo não sendo tombada, possui excepcionalidade

determinada pelas vivências e afetividades por parte dos idosos. Ela não é lembrada por ser antiga, monumental ou grandiosa, mas por ser um referencial dos momentos vividos no cotidiano. Destaca-se principalmente pelas festas que eram promovidas, que ocasionavam em uma grande conjunção de indivíduos. As narrativas sobre esse lugar de memória são sempre saturadas de afeto, deixando nítida sua importância para os idosos que não a vêem por sua relevância histórica, mas sim pelas emoções que desperta. Sobre tal local, o senhor Osmar relata que:

A igreja, a gente participava muito da igreja, eu quando era pequeno, eu participo da igreja até hoje, porque a minha avó ela prendia os cavalos na carroça e aquilo eu achava uma coisa tão bonita, a gente vinha de lá de baixo, daqui dá 5 quilômetros de carroça só para ir no culto. Então aquilo me marcou muito, então até hoje a gente participa muito (FRANCHINI, 2018).

A igreja em questão é um ponto de referência patrimonial afetiva ou de ancoragem patrimonial (TORNATORE, 2009). Um único lugar pode convocar um imensurável número de olhares, perspectivas e subjetividades que podem estar ligados a ele. Tornatore (2009) nos diz que muitos choram ao perder um patrimônio, mas nem todos choram pela mesma razão. Embora o caso em questão não esteja em risco de perda física, as variações do tempo podem levar a uma irreversível perda das memórias pretéritas que revestem a Igreja. Para o senhor Osmar, a igreja Comunidade Advento o faz lembrar de sua avó; para dona Veronica, seu casamento; para dona Irmgard, os corais; para o senhor Valter, o tempo em que ele fez parte da diretoria. A cada sujeito, uma memória, uma forma dessemelhante de lembrar. Apesar disso, todos possuem o mesmo referencial, o mesmo lugar onde essas memórias se fixam.

E quando vocês eram novos que lugar que vocês frequentavam aqui em Morro Redondo, para se divertir? A gente ia nessas festas de igreja e bailes, mas sabes quando a gente é novo tem os filho pequeno a gente não sai tanto assim, a gente sai quando tinha uma festa de igreja, um almoço, mas nem sempre, porque eu tenho um casal de filho né. Então tinha as festas de igreja que vocês frequentavam? Sim e participava da diretoria da igreja, daí também tem o grupo de mulheres que a gente participa (STEFFEMMBERG, 2018).

Apesar de o local ainda existir materialmente, todos os entrevistados que falaram sobre a Igreja lamentaram a ausência das atividades que ocorriam nesse lugar. Com o tempo, os costumes se modificaram, as regras da direção da igreja se transmudaram e muitas das ações que eram realizadas no passado não são mais permitidas. Portanto, visto que esse corpo patrimonial possui relevância afetiva e inflama as memórias dos idosos em Morro Redondo, há um coletivo que lastima essa perda, que não é material, que não é visível, mas que afeta o emocional dos sujeitos.

Eu cheguei a ser presidente da comunidade, participei uns 25 anos sem sair fora, tudo isso, aí quando foram os 100 anos da igreja eu fui presidente da comunidade.[...]. E fora isso aí nós gostamos muito de baile. E aqui em Morro Redondo tinha muitos bailes, ou tinha algum em específico? Tinha, um tempo atrás tinha bastante, na própria nossa comunidade, quando eu era presidente eu cheguei a fazer 3 ou 4 bailes durante o ano e outros mais, e depois de uns 4, 5 anos para cá mudou a diretoria eles não querem baile, não querem bebida de álcool, é uma coisa muito estranha. Tanto que a gente gostava, nós temos um rico de um salão ali, mas o pastor e a diretoria não aceitam mais (STEFFEMMBERG, 2018).

Por intermédio do trabalho da memória, os idosos revivem o passado. Entretanto, constatamos que, conforme Halbwachs (1990) elucida, neste caso, a memória pode ser vista como coletiva e social. Isso porque, a cada narrativa realizada individualmente, há uma recorrência dos fatos, como no caso da Igreja do Advento, em que as festas que eram realizadas pela congregação fazem parte de uma coletividade, de um círculo social. As lembranças narradas são essencialmente de vivências individuais, porém é o meio social que as fixam no cognitivo. Neste caso, a memória não existe objetivamente, mas sempre em correlação entre o sujeito, o objeto e o espaço. E, como nunca estamos sós, a permanência dessas memórias dá-se necessariamente em sociedade, nisto que Halbwachs (1990) chama de quadros sociais, que são os grupos sociais dos quais os sujeitos fazem parte ao longo da vida, como família, igreja, língua, classes sociais.

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, os resultados apontam para determinados lugares em que esses quadros de memória se tornam aparentes, nos quais as memórias encontram ancoradouro. Os resultados parciais indicam que, dos 16 idosos entrevistados, é possível observar 11 inter cruzamentos de memórias no ponto identificado como a Igreja Luterana Comunidade Advento. Na Figura 2, abaixo, podemos perceber, através do mapa de calor, esse acúmulo e convergência de memórias em lugares específicos, representados por cores mais quentes; já as cores mais frias simbolizam lugares com pouca recorrência nas narrativas.



Figura 2 - Mapa de calor referente aos lugares de memória identificados
Fonte: os autores, 2018

Diversos pontos não estão localizados na Avenida Jacarandá, como prevíamos que ocorreria. Os pontos mais quentes, com maior aglomeração de memórias, à esquerda do mapa, contudo, estão juntamente na referida Avenida. Dentre os pontos, está a Igreja Comunidade Advento, a Sociedade Lírica Orfeônica e a sociedade Tiro ao Alvo, representando os três pontos mais quentes. Na parte central do mapa, vemos mais dois pontos quentes, que correspondem ao Armazém Fiss e ao Cine Recreio Familiar.

Percebemos que os patrimônios afetivos partem, destarte, de um lugar, mas nem sempre se encontram fisicamente na paisagem – ou são apenas resquícios materiais do que era outrora. O que se destaca nesses lugares, para além da dimensão física, é o espectro memorial, que desempenha um papel determinante na medida em que tem forte potencial mediador das relações sociais. São nos lugares e objetos que as memórias aderem e concorrem, tecidas pelos fios do afeto. Ressalva-se, contudo, que esses afetos nem sempre se manifestam de forma positiva. Em alguns casos, o tom nostálgico das narrativas deixa transparecer a angústia de um tempo pretérito que não encontra mais eco no presente. Mas quem disse, afinal, que todos os afetos devem ser positivos?

4. Considerações finais

Ao refletirmos sobre essas circunstâncias, percebemos que os lugares fixam vivências e experiências no formato de palimpsesto de memórias entrelaçadas. Ao narrar, em um jogo contínuo em que se fala, escuta, registra e transmite, unem-se os elementos nucleares que formatam o que convencionamos chamar de patrimônio afetivo. Estes não são caracterizados pelos artifícios convencionais de preservação, como geralmente acontece nos patrimônios formais, mas necessariamente por toda carga emocional e afetiva que os lugares gatilham nos sujeitos.

Nos termos de José Reginaldo Gonçalves (2005), o patrimônio deve estar intrinsecamente ligado às ressonâncias que podem ser geradas por esses lugares e objetos. Pensar os patrimônios afetivos é ter como premissa que:

[...] um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência do Estado. Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberadora de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar 'ressonância' junto a seu público (GONÇALVES, 2005, p.19).

E apesar de os lugares não serem recordados da mesma maneira, de terem distintas aderências, o que deve ser considerado é o potencial que têm de afetar e transformar esses sujeitos. Conforme consideramos neste artigo, os patrimônios afetivos servem à vida da população e não propriamente ao objeto em si, por sua natureza material ou factual. O que intenta preservar, em última instância, é a imagem e as projeções geradas dos objetos e lugares.

Para os fins aqui propostos, consideramos que os locais que os sujeitos narraram com maior frequência geram um acúmulo de memórias que “esquentam” o lugar. São as conexões, cujo afeto é o elemento aglutinador, que dão os contornos do patrimônio afetivo. E, assim, o patrimônio afetivo diferencia-se das memórias afetivas, que manifestam apenas narrativas isoladas de alguns idosos, sem entrelaçamentos com outras narrativas.

Também poderíamos concluir, com base no pensamento de Candau (2012), que essas memórias se configuram como uma meta-memória, visto que, apesar de cada sujeito manifestar sua memória de forma particular, a representação dessa memória é reivindicada socialmente em razão dos efeitos gerados, em especial nos idosos. Nesse sentido, o Museu é um potente aliado pelo seu potencial sociotransmissor, sobretudo em atividades que têm como foco a intergeracionalidade. O que configura o patrimônio afetivo, desse modo, não seriam os atos burocráticos que dão os contornos jurídicos de acautelamento, tampouco o conjunto de saberes técnicos que lhe é assegurado; os patrimônios afetivos devem ser circunscritos em um desejo de memória e na potência transformadora que os afetos e as emoções podem desencadear na vida da população.

Referências

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. Trad.: Sérgio Paulo Rouane. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-221.
- BRASIL. *Lei nº 10.741*, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. 2003.
- BRASIL. *Lei nº 8.842*, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso. 1994.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n.23, p. 21-31, 1994.
- CONNERTON, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. 2 ed. Lisboa: Editora Ltda, 1993.
- FRANCHINI, Osmar. Depoimento: [jul. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo-RS, 2018. *Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora*.
- GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n.23, p. 15-36, jan./jun., 2005.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia e Narrativa: do arquivo ao texto. *Revista Clio*, Recife, n.28, p. 140-156, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2ed. São Paulo: Centauro, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *Los Marcos Sociales de la Memoria*. Caracas: Anthropos Editorial, 1976.

IBGE. *Censo Demográfico*, 2016. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/morro-redondo/panorama>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

MAIRESSE, Denise; FONSECA, Tania Mara Galli. Dizer, escutar, escrever: redes de tradução impressas na arte de cartografar. *Revista Psicologia em Estudo*, v.7, n.2, p. 111-116, dez. 2002.

MAANEN, John van. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. *Administrative Science Quarterly*, v.24, n.4, p. 520-526, 1979.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social*. Teoria, método e criatividade, Petrópolis: Vozes, 18 ed., 2018.

NORA, Pierre. Entre a Memória e História: A problemática dos lugares. Trad: Yara Aun Khoury. *Revista Projeto História*, n.10, p. 07-28, dezembro de 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História & História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

SOARES, Bruno C. Brulon. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. In: Seminário de Pesquisa em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, 4., 5-9 nov., 2012, Petrópolis, RJ. *Anais...* Petrópolis: UNIRIO, 2012. p.1-15.

STEFFEMMBERG, Nelma. Depoimento: [jul. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo-RS, 2018. *Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora*.

STEFFEMMBERG, Valter. Depoimento: [jul. 2018]: Milena Behling Oliveira. Morro Redondo-RS, 2018. *Entrevista concedida para elaboração de dissertação de mestrado da entrevistadora*.

THOMPSON. Paul. *A voz do passado: história oral*. Trad: de Lólio Lourenço de Oliveira. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

TORNATORE, Jean-Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc.: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. *Revista Memória em rede*, Pelotas, v.1, p. 07-21, dez. 2009/mar. 2010.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

Data de recebimento: 19.09.2018

Data de aceite: 30.01.2019